

Shelley Parker-Chan

ELE
INUNDOU
O
MUNDO

TRADUÇÃO DE
YONGHUI QIO
ANA BEATRIZ OMURO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024



PRÓLOGO

China, 1356

No vigésimo terceiro ano do reinado de Toghon Temür, o décimo quinto grão-cã do Império Mongol do Grande Yuan, os mongóis sofreram tamanhas derrotas contra os inimigos internos do império que o controle da parte sul do território foi perdido.

Apenas um ano depois, o movimento rebelde do sul, conhecido pelo nome de Turbantes Vermelhos, chegou à beira da extinção graças aos formidáveis defensores do Yuan: o nobre mongol Esen-Temur, de Henan, e seu general eunuco Ouyang. No entanto, sob a liderança renovada de um jovem ex-monge, Zhu Chongba, os Turbantes Vermelhos não apenas sobreviveram, como também causaram tamanhas perdas a seus oponentes que o Yuan foi obrigado a recuar.

Enquanto Esen-Temur e o General Ouyang se recompunham e buscavam o apoio da poderosa e leal família Zhang — comerciantes de sal que controlavam a costa leste —, Zhu Chongba avançava na hierarquia dos Turbantes Vermelhos. Lá, ele encontrou aliados — seu irmão por juramento, Xu Da, e sua esposa, Ma Xiuying —, assim como inimigos, incluindo alguns dos líderes do movimento. Impulsionados pelo sucesso contra o Yuan, e apesar das divisões internas, os renovados Turbantes Vermelhos conquistaram uma cidade após a outra no sul, o que culminou na tomada de Bianliang, a antiga capital imperial, na fronteira entre o norte e o sul.

Esen-Temur e o General Ouyang, trabalhando com a cooperação da família Zhang, almejavam reconquistar Bianliang para o Yuan. No entanto, à revelia de Esen-Temur, seu confiável companheiro de toda uma vida, o General Ouyang, fez um acordo secreto com a família Zhang. Com a assistência do General Zhang e do próprio irmão de Esen-Temur, o Senhor Wang Baoxiang, o traidor eunuco assassinou

seu mestre em Bianliang e tomou-lhe o exército com o objetivo de marchar para a capital a fim de se vingar do assassino de seu pai: o grão-cã.

A traição perpetrada pelo General Ouyang contra o Yuan deu a Zhu Chongba a oportunidade de fazer o mesmo. Implacável, ele depôs o Primeiro-ministro e o Príncipe Radiante dos Turbantes Vermelhos, e assumiu o controle do movimento.

Zhu Chongba fez de Yingtian, às margens do Rio Yangzi, sua nova capital. Adotou um nome de ambição imperial, Zhu Yuanzhang; conferiu a si mesmo o título de Rei Radiante; e proclamou a posse do Mandato do Céu.

A família Zhang renunciou à sua lealdade ao Grande Yuan e proclamou a rica em recursos costa leste como seu reino independente, tendo a cidade murada de Pingjiang como capital.

O último sobrevivente dos antigos líderes dos Turbantes Vermelhos, o diplomático, mas brutal, Chen Youliang, fugiu da chacina em Bianliang e se estabeleceu em Wuchang, a oeste de Zhu Yuanzhang.

Ignorado por muitos, o Senhor Wang Baoxiang de Henan assumiu o título do irmão morto, o príncipe de Henan, e reclamou para si a maior propriedade do Grande Yuan.

Tal era o estado do mundo no octogésimo quinto ano do domínio dos cãs descendentes de Cublai Cã, o primeiro grão-cã e imperador fundador do eterno Império Mongol do Grande Yuan.



PARTE UM

AMOSTRA



FRONTEIRA DOS REINOS DE ZHU YUANZHANG E DA FAMÍLIA ZHANG

Oitavo mês, 1356

— Está claro que isso não requer extensa consideração — disse uma voz de mulher por trás da cortina de gaze esvoaçante da carruagem. — Por que não me dá sua resposta agora, Zhu Yuanzhang, e poupa o tempo de nós dois?

Mesmo ali, longe do mar, a planície aos pés da colina onde estava a carruagem ardia com o branco do sal, como se o reino da mulher transbordasse riquezas sem restrições. A escaldante cauda de tigre do verão no sul extinguiu o lago raso que costumava separar os dois territórios. Acima dos exércitos, flâmulas tremulantes projetavam reflexos coloridos nos campos. Amarelo para o exército rebelde do Rei Radiante. Verde para a família de comerciantes Zhang, antes leal ao Império do Grande Yuan, que havia finalmente rompido com seus governantes mongóis naquela primavera e proclamado domínio sobre o sal e as rotas marítimas de transporte da costa leste.

Zhu Yuanzhang, com sua armadura de rei e mão de madeira douradas da mesma cor da grama sob os cascos de seu cavalo, viu os generais dos exércitos adversários

caminhando na direção um do outro com cortesia deliberada. As sombras tímidas do meio-dia se projetavam na crosta rachada sob as botas.

Ao observador casual, pouco havia entre os dois generais que os diferenciasse. Dois capacetes alados no estilo nanren, dois conjuntos de armadura lamelar, cujo couro escuro absorvia o sol, e cabeças de leão nos ombros que refletiam a luz feito um espelho. Mas para Zhu, cujo general era seu irmão em tudo menos sangue, suas figuras distantes eram tão facilmente distinguíveis quanto dois rostos. Aquele era o corpulento Xu Da, cuja aparência não lembrava em nada a um monge, com a marcha vigorosa de um rapaz ávido por saborear o mundo. O outro era o General Zhang, de dimensões menores, mas que se portava com a confiança discreta de um homem cuja experiência de vida equivalia às de Zhu e de seu general somadas. Zhu sabia da rapidez com que o General Zhang agira após a separação da família do Yuan. No decorrer de apenas alguns meses, ele havia tomado todas as cidades remanescentes ao longo do sul do Grande Canal e transferido a capital da família Zhang para a cidade murada de Pingjiang na margem leste do lago Tai. Agora, tudo o que separava os Zhang no leste e o reino de Zhu no oeste era uma extensão de planícies na curva do majestoso Rio Yangzi em seu caminho rumo ao oceano.

— Renda-se a mim — disse a mulher por trás da cortina.

Sua voz tinha um tom rouco, grave e sedutor. Era uma voz reservada para um quarto fechado, aveludada com insinuações: que, embora fossem estranhos que haviam acabado de se conhecer, talvez estivessem a instantes de se tornarem tão íntimos quanto dois corpos poderiam ser. Era uma daquelas táticas que funcionavam apenas se o cálculo por trás dela permanecesse oculto. Zhu, que não apenas via isso, mas também se considerava em geral imune às urgências do desejo físico, ficou interessada ao sentir uma atração leve em resposta. Como alguém que carecia de feminilidade, nunca havia lhe ocorrido que esse atributo pudesse ser usado como uma arma. A novidade de tê-lo empunhado contra si a divertiu e impressionou quase que em igual medida.

Na planície, os dois generais curvaram as cabeças num gesto de respeito, transmitiram e receberam a mensagem formal de rendição e recuaram. Suas pegadas mancharam a terra como hematomas azulados atrás de ambos.

Zhu enfim se voltou para a interlocutora:

— Saudações à estimada Madame Zhang.

— Vejo que se recusa a usar meu título — disse a mulher, mordaz.

— Por que não deveria, se também recusa o meu? — devolveu Zhu.

A força das palavras a encheu de vitalidade. Era o deleite do poder misturado ao jogo, tão excitante para ela quanto o aroma de salmoura e o vento quente e selvagem que fazia suas flâmulas tremularem e a grama se curvar nas colinas. Num tom de igual mordacidade, ela acrescentou:

— Talvez minha rendição seja melhor destinada àquele que detém o verdadeiro título. Seu marido, o rei. Prefiro ser recebido pessoalmente por meu igual a discutir a questão com sua venerável esposa, que fala por trás de uma cortina de decoro.

A mulher soltou um riso polido.

— Não se preocupe. Sua rendição será transmitida corretamente. A reputação de meu marido pode precedê-lo, mas um homem fraco, quando bem dirigido, é a maior força de uma mulher. — Uma sombra ondudou contra a gaze, como se a mulher tivesse se aproximado. Sua voz baixa era um convite para que Zhu se abaixasse, deixasse que o ouvido chegasse tão perto daqueles lábios murmurantes que ela poderia sentir cada sílaba em sua pele, não fosse pela fina barreira entre as duas. — Não penso que seja um homem fraco, Zhu Yuanzhang. Mas sua posição é fraca. Que esperança pode ter contra o meu exército maior, contra meu general que foi tratado como igual até mesmo pelo temido General Ouyang do próprio Yuan?

“Dê-me sua rendição. Coloque suas forças sob meu comando. Em vez de esperar até que o Yuan envie seu Grande Conselheiro e seu exército central para nos derrubar, marcharemos até Dadu juntos. Conquistaremos a capital e o trono. E, quando meu marido for imperador, ele lhe concederá um título de sua escolha. Duque? Príncipe? Será seu.”

— Quando as histórias forem escritas, um título desses decerto me apresentará a seus autores como um grande homem — respondeu Zhu, seca.

Os homens que ela e Madame Zhang haviam trazido até ali eram apenas uma demonstração de força. Aquilo era uma reunião, não uma batalha. Mas Zhu não tinha qualquer ilusão sobre sua situação. Seu exército, uma força dominada pela infantaria formada pelos antigos rebeldes dos Turbantes Vermelhos e alguns recrutas camponeses adicionais, mal tinha a metade do tamanho do exército profissional e bem-equipado dos Zhang. E, com exceção de sua capital, Yingtian, nenhuma das dúzias de cidades que ela dominava no sul se igualava sequer ao mais pobre dos centros econômicos ligados por canais da família Zhang. O desfecho de uma batalha seria evidente. Se as posições estivessem invertidas, Zhu teria se considerado a vencedora e exigiria rendição, assim como sua oponente fazia agora.

— É isso que quer? Ser grande? — murmurou Madame Zhang. Seu tom era tão suave quanto a carícia de dedos sobre a pele. — Então aceite-me, e deixe que eu faça isso acontecer.

Grandeza. Zhu a desejara durante toda a vida. Com uma certeza tão nítida quanto as sombras desenhadas sobre o sal, ela sabia que isso sempre seria tudo o que desejava. Ela se empertigou na sela e contemplou o domínio da família Zhang a leste. O vento que lhe açoitava o rosto, vindo daquele distante horizonte acobreado, parecia trazê-lo para perto; transformava aquela linha abstrata em algo palpável, algo ferozmente visceral. *Alcançável*. O pensamento encheu Zhu de uma alegria pungente. Parada e ao mesmo tempo sobranceira sobre a colina, ela teve a sensação curiosa de enxergar toda a trajetória de seu futuro estendida diante de si. De seu ponto estratégico lá em cima, podia ver que não havia qualquer obstáculo verdadeiro nesse caminho — apenas pequenos entraves que mal a afetariam em sua corrida determinada em direção a seu objetivo.

Com uma onda de prazer, ela disse à mulher sem rosto por trás da cortina:

— Não quero ser grande.

Ela saboreou a pausa enquanto a mente de Madame Zhang girava, perguntando-se o que teria entendido de errado a respeito do caráter de Zhu — onde sua sedução havia falhado.

O toco de braço de Zhu doía dentro da braçadeira apertada demais de sua mão de madeira. Mas o desconforto, assim como os efeitos diários de ser um homem de uma mão só num mundo de duas mãos, era apenas o custo de seu desejo, e Zhu era forte o bastante para suportá-lo. Era forte o bastante para suportar qualquer coisa, ou fazer qualquer coisa, em nome do que desejava.

— Neste caso... — começou Madame Zhang.

— Não quero ser grande — repetiu Zhu. Seu desejo era a luz do sol, uma imensidão que enchia cada parte de seu corpo sem exceção. Quem mais entendia o que era sentir algo de tamanha magnitude, desejar algo com toda a inteireza do ser, como ela? — Quero ser o maior.

Redemoinhos cristalinos e brilhantes varriam a superfície árida da planície. O sal da vida que, em tamanha concentração, se tornava o sal da morte.

— Entendo — disse Madame Zhang após um momento. Seu tom sedutor havia adquirido uma camada de desdém, e Zhu teve a imagem mental da porta de um cômodo privado sendo fechada a sua frente. — Esqueci-me do quão jovem é. Os jovens são sempre tão ambiciosos. Ainda não aprenderam os limites do que é possível.

Unhas pintadas tamborilaram na moldura interna da carruagem, sinalizando para o cocheiro. Quando o veículo se moveu, Madame Zhang disse:

— Nós nos falaremos de novo. Até lá, porém, permita que esta senhora mais experiente lhe diga uma coisa. Dirija os olhos a meu general lá embaixo. De que respeito ele carece do mundo a seu redor, por sua conduta, sua aparência, suas conquistas? O lugar natural de um homem como aquele é acima dos outros. Seria bom considerar seu próprio lugar natural, Zhu Yuanzhang. Se o mundo mal suporta olhar para um homem tão inepto quanto você, acha mesmo que o aceitaria no trono? Apenas um tolo arriscaria tudo pelo impossível.

Zhu observou a carruagem descer a colina. Se Madame Zhang soubesse da verdadeira extensão das carências físicas de Zhu — que, no que dizia respeito à anatomia masculina, incluía mais do que ombros largos ou uma mão direita —, sem dúvidas teria considerado que até mesmo suas atuais conquistas seriam impossíveis. Porém, quando se está determinado a desejar o impossível, há uma forma melhor de alcançá-lo. Com um ar de rebeldia irreverente, Zhu pensou: *mude o mundo, e faça dele possível.*

YINGTIAN

Um rei e uma rainha em passeio pelas dependências do palácio prosseguiram sem impedimentos, já que todos no caminho lhes davam passagem e se curvavam, mas a mera profusão de operários em todas as direções fez Zhu pensar em si mesma como um barco a atravessar uma lagoa entupida por ervas daninhas. Quando passaram por mais uma construção envolta por andaimes de bambu, ela disse, admirada:

— Nem passei tanto tempo fora. Você andou ocupada.

Sua esposa, Ma Xiuying, respondeu-lhe com um olhar de profunda indignação.

— É claro que andei ocupada. Quando você disse que queria um palácio novo que refletisse seu status, pensou que ele se construiria sozinho?

Não se tratava apenas da construção do palácio. Quando Zhu retornou à cidade, viu as fundações crescentes das novas muralhas de Yingtian, e atravessou avenidas banhadas de sol delineadas por árvores jovens que ainda demorariam décadas para fornecer sombra. O cheiro de serragem ao sol e a brisa sopravam sem obstáculos pelos canteiros de obras; o céu limpo que parecia maior e mais azul do que em qualquer

outro lugar onde Zhu vivera: a possibilidade contida em toda aquela novidade a enchia de entusiasmo até os ossos.

— Por outro lado, parece que *ocê* viajou até a fronteira só para posar — acrescentou Ma.

O volume enorme de seu traje bordado de seda mal retardava seus passos. Como descendia de nômades semu e tinha pés tão grandes quanto os de um camponês, ela caminhava muito mais rápido do que as nobres nanren que com frequência eram vistas passeando por Yingtian debaixo de sombrinhas.

Zhu apertou o passo para acompanhá-la.

— Melhor posar do que os enfrentar. Coisa que Madame Zhang sabia tão bem quanto eu. Ela queria que eu me rendesse.

— O que faria sentido para vocês dois — disse Ma, ácida. — Então é claro que você recusou.

Porém, enquanto houvesse no mundo algo maior do que aquilo que Zhu possuía, ela sabia que o desejava. Abrir mão desse desejo seria como parar de respirar.

— Faz sentido de acordo com aquela situação específica. Então o que eu preciso fazer é mudar a situação.

— Ah, é só isso — disse Ma. — Talvez você possa dobrar seu exército apenas com a força de vontade.

Zhu a encarou, os olhos brilhantes.

— Talvez eu possa! Mas vou precisar de sua ajuda.

Ma parou e lhe lançou um olhar intrigado.

— Minha ajuda?

— Por que a surpresa? Você é uma mulher muito competente — disse Zhu, indicando o caos contínuo e ruidoso por todos os lados. Ela passou a usar uma das línguas que aprendera no monastério (mas nunca praticara) e disse, com muitos erros: — Você fala uigur, não fala?

O rosto de Ma ficou inexpressivo de surpresa. Então ela riu e respondeu na mesma língua:

— Melhor do que você, ao que parece.

O uigur não era muito diferente do mongol, o que fez Zhu pensar no general eunuco Ouyang e em seu sotaque monótono e estranho ao falar han'er. Ela sempre achara aquele sotaque bastante desagradável, mas poderia ouvir o uigur de Ma o dia todo: havia algo puramente prazeroso em descobrir uma nova faceta de alguém que já conhecia tão bem.

— Já faz tantos anos. Pensei que talvez tivesse esquecido. — Ma voltou a falar em han'er. Tinha uma expressão nostálgica no rosto. — Quando eu vivia em Dadu, quando meu pai era general do exército central do Yuan, falávamos nosso idioma quipechaque em casa. Mas usávamos mongol com os mongóis e uigur com outros semu. Quando você sabe um desses três, fica fácil aprender os outros. Mas han'er é completamente diferente. Eu mal sabia uma palavra quando meu pai nos levou a Anfeng e me deu para os Guo.

Seu pai, que traíra o Yuan e se juntara à rebelião dos Turbantes Vermelhos em Anfeng, para depois ser vítima de traição pelos compatriotas rebeldes e abandonado para morrer sob a espada do General Ouyang. Zhu sentiu uma pontada de dor ao pensar na vida que Ma vivera antes de se conhecerem. Tudo o que havia sofrido. Ela notou que não conseguia lamentar muito pelas mortes do pai de Ma ou dos dois Guo: o Velho Guo e seu filho Pequeno Guo, o desafortunado noivo de Ma.

— Nenhum deles enxergava seus talentos — disse ela.

Ela percebeu que havia sido muito insensível quando um lampejo de dor cruzou o rosto de Ma. Sabia que Ma ainda sofria por eles. Não pelo que haviam sido para ela, ou pela forma como a tratavam, mas simplesmente como seres humanos. Mesmo depois de um ano de casamento, Zhu ainda achava misteriosa a compaixão de Ma. Quando estavam juntas, ela às vezes pensava poder entendê-la — até mesmo senti-la, como se estivesse sendo transmitida pela vibração do gentil coração de Ma contra o seu próprio —, mas, assim que se separavam, a sensação desaparecia como um sonho.

Zhu mudou de assunto. Passara a maior parte da vida tentando escapar do passado, e sentimentos desagradavelmente pegajosos como luto e nostalgia ainda a enchiam de um vago desejo de fugir.

— Pode encontrar cerca de uma dúzia de outros semu que sabem falar uigur? — pediu ela. — Mulheres também, se conseguir encontrá-las. E, aproveitando: alguns camelos.

Para sua satisfação, o pedido arrancou Ma de sua dor. Ela lançou para Zhu um olhar incrédulo.

— Quem não precisa de um camelo de vez em quando? Tenho certeza de que você tem alguma espécie de instalação ancestral cheia deles — disse Zhu, animada. — Também vou precisar de tantos rolos de seda quanto conseguir.

— Talvez você tenha uma instalação ancestral com a tartaruga que o botou como ovo! — exclamou Ma. — Certo: semus, camelos, seda. O sol, a lua e todos os pássaros que voam sobre o Rio Celestial. Quando você parte?

— Assim que possível. É uma marcha longa. Vou precisar pedir a Xu Da que comece a mobilizar as tropas imediatamente. Mas você entendeu uma coisa errado. — Um grupo de criadas do palácio passou apressado por elas, viu o Rei Radiante e sua consorte se aproximando e se lançou em prostrações. Zhu moveu os dedos num gesto benevolente para que se levantassem. — O certo é: *nós* partiremos em breve.

Ma franziu o cenho, confusa.

— Sou tão tolo quanto os Guo, a ponto de ignorar a mulher talentosa que tenho em minha própria casa? — Zhu sentiu um frisson de entusiasmo diante da própria audácia. — Faremos isso juntos.

A imagem de um rosto belo, frio como jade, surgiu em sua mente e despertou todos os seus sentidos com o sinistro reconhecimento de uma outra pessoa que não era nem uma coisa, nem outra. Seu toco de braço incomodou com a dor recordada.

— Zhu Yuanzhang — disse Ma, a voz baixa, consciente dos passantes que poderiam ouvi-la se referindo ao Rei Radiante de modo tão informal. — O que está planejando?

Zhu sorriu para ela.

— Preciso de um exército além daquele que já possuo. Então vamos até Bianliang para arranjar um.

Após uma longa pausa, Ma disse:

— O general eunuco...

— Não se preocupe...

— *Não se preocupe?*

— ... não vou entrar na cova do tigre. Acredite ou não, aprendi algumas lições com o passado. — Zhu riu. — Esta será uma missão sem batalhas. Mas precisamos ser rápidos. Imagine-se no lugar dele: você passou a vida toda esperando e fingindo lealdade aos assassinos de sua família. Mas agora eles estão mortos, e você finalmente está em posição para se vingar da pessoa responsável por todo o seu sofrimento: o grão-cã. Você estaria desesperado para agir, não estaria?

“O único motivo pelo qual o General Ouyang já não deixou Bianliang é porque o grão-cã passa o verão em Shangdu e só retorna a Dadu em meados do outono. Mas, assim que ele souber que o grão-cã voltou, estará em marcha. Então precisamos chegar a Bianliang antes disso.”

Com uma desconfiança profunda, Ma disse:

— Sem luta. Vai fazer a ele uma proposta como a que Madame Zhang lhe fez?

— Não exatamente. Mas será divertido, prometo.

Antes que Ma pudesse responder, houve um estrondo e uma nuvem de poeira subiu no céu onde um instante antes havia uma antiga construção.

— Que Buda nos preserve, parece pior do que antes — lamentou Ma enquanto tijolos caíam numa praça que já abrigava as estruturas de várias construções novas.

— Tem certeza de que não poderíamos ter simplesmente preservado tudo?

O ar estava carregado de poeira de tijolo, pó amarelo e o familiar odor sombrio de pólvora. Por um instante, Zhu teve uma visão da futura Yingtian através daquela cortina poeirenta: uma reluzente metrópole de uma novidade tão ousada, deselegante e chocante que se ergueria como uma negação radical de tudo o que viera antes.

Sua marca no mundo renovado.

Ela se sentia eufórica com a velocidade: era como se estivesse correndo o mais rápido possível rumo àquele horizonte acobreado.

— Tenha fé, Yingzi. A cidade será magnífica.

AMOSTRA



BIANLIANG

Esen fora enterrado nas longas margens do Rio Amarelo. O gramado silvestre, salpicado com as últimas flores do verão, havia retomado o que séculos antes fora uma área cultivada. Foi o mais próximo que Ouyang conseguiu encontrar da estepe ancestral de Esen, com seu infindável mar de grama. Ao longe erguia-se uma cordilheira azul e irregular: não eram montanhas, mas a estrutura quebrada da muralha externa de Bianliang, arruinada havia muito. Quando Ouyang se ajoelhou no chão pantanoso ao lado da sepultura recém-lavada, sentiu-se afundar lentamente. No fim, tudo ao seu redor desapareceria da mesma forma: as muralhas de Bianliang, o túmulo de Esen, toda aquela paisagem selvagem. E ele... ele partiria antes de tudo isso.

Sua dor cresceu. Desde a morte de Esen, a dor não o deixara por um único momento. A cada suspiro, sentia uma pontada insuportável de pesar dilacerar o *Qi* que lhe atava o espírito à carne, aos ossos e aos órgãos, como se o próprio tecido de seu ser estivesse sendo rasgado. Mas a pior das dores o atingia em ondas, como agora. Ser pego era ser lançado a uma violenta tempestade de fogo — era estar preso numa agonia tão intensa que bloqueava o mundo externo e reduzia seu ser a nada além de uma mente em chamas, que se encolhia em si numa tentativa fútil e infindável de escapar.

Permaneceu ajoelhado, tremendo, ardendo. Por um momento, só conseguia pensar no quanto desejava que as águas amareladas se erguessem a seu redor, que

lhe aplacassem a dor e lhe carregassem o corpo até o oceano. Mas era impossível. Mesmo dilacerado pela dor, sabia que só havia uma saída. Ele suportaria, embora não soubesse como, simplesmente porque precisava. Quando o verão chegasse ao fim e o grão-cã retornasse do Palácio de Verão para a capital, Ouyang marcharia até Dadu e teria sua vingança contra o homem que traçara seu destino e o de Esen nas páginas do mundo e lhes roubara a escolha de como viver e morrer. E, com o assassinato do grão-cã, esse último ato da vida de Ouyang, todas as coisas horríveis que ele fizera — tudo que sofrera — passaria a ter valido a pena.

Ele se levantou. Quando sua sombra encobriu a grama, um tremor a atravessou e fez as cotovias voarem para longe de seus ninhos. Mais ao longe, taboas balançavam contra o brilho fugaz da água cintilante. O sol estava quente o bastante para arrancar-lhes o cheiro acebolado, mas Ouyang podia sentir a mudança de estação. O verão estava quase no fim. Estava quase na hora.

Quando ele avistou a muralha interna e intacta de Bianliang, o sol já estava se pondo. Percebeu, de modo vago e sem preocupação, que passara a maior parte do dia fora.

— General Ouyang!

Um cavaleiro que estivera à sua espera aproximou-se da égua negra de Ouyang enquanto ele atravessava o portal. Ouyang encarou o homem, irritado pela intrusão. Dos seis comandantes nanren que haviam originalmente sido seus cúmplices na traição aos mongóis, restavam apenas três, sendo o Comandante Geng o menos memorável deles. Mesmo seu rosto, tão quadrado quanto o caractere de “nação”, parecia menos uma marca de caráter individual do que o pronunciamento da causa dos comandantes: devolver o Grande Yuan ao domínio nativo. Assim como os outros comandantes, Geng abandonara as tranças mongóis e adotara um orgulhoso coque no estilo nanren. Ouyang se perguntava se eles estranhavam sua recusa em se desfazer das tranças. Não que ele se importasse com isso. Diferentemente deles, sua identidade nanren não podia ser salva. Parecia algo que lhe fora extirpado, junto com tudo o mais que constituía um homem.

A expressão suplicante de Geng aumentou a irritação de Ouyang.

— General, sobre a questão do Comandante Lin... — Para combinar com a nova liderança nanren do exército, ele falava han'er em vez de mongol. — Com todo o respeito, insisto fortemente que se reúna com ele para resolver a situação.

A urgência era estupefacente. Ouyang sequer sabia ao certo qual de seus comandantes era Lin, muito menos por que ele deveria merecer atenção pessoal.